

SALVADOR, Lenine Guevara Oliveira. Sobre a multiplicidade funcional nas Artes Cênicas. Salvador: UFBA; Doutorado; CAPES. Ciane Fernandes. Performer e pesquisadora.

## RESUMO

Na proposta crítica desse artigo visa-se ler o atual quadro do profissional das Artes Cênicas, através da compreensão de que diversas funções desse campo no Brasil têm requerido qualidades heterogenias de seus profissionais. Objetiva-se ler a multiplicidade do papel do artista na produção cultural compreendendo-a como heterogeneidade de papéis que este pode vir a desenvolver no campo. Visa-se assim, assumir no campo e valorizar ao profissional que atua como um agente cultural, pois está enredado em uma trama em que a criação envolve pesquisa (artística e acadêmica), produção (artística ou gestão de na Universidade) e formação (acadêmica ou livre), ainda que pese mais uma função do que a outra em determinados momentos de sua trajetória. Dessa maneira, aponta-se para a multiplicidade como modo de gerar especialização profissional dentro do campo de formação livre e acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Profissionalização. Multiplicidade. Coletividade. Agente cultural.

## ABSTRACT

In the critical proposal of this paper, aims to read the current framework of scenic professional, through understanding that diverse functions of the Performing Arts in Brazil, have required heterogenias qualities of their professional context. The objective is to read the multiplicity of the artist's role in cultural production, understanding it as heterogeneous papers that this could develop in the field. The aim is thus to and value the professional who acts as agent embroiled in a plot of research (artistic and academic), of production (artistic and of public management in the University context), and of formation (academic or free), despite weighs more a function than another at certain times of its career. Thus, points to the multiplicity as a way to generate professional specialization within the field of free and academic formation.

KEYWORDS: Professionalization. Multiplicity. Collectivity. Cultural agent.

Esse *paper* traz uma proposta crítica resumida sobre a relação entre criação em arte e seu processo de profissionalização. A leitura realizada foi concebida como conectora das diversas funções que a pessoa que vive o/do universo das Artes Cênicas contata ou realiza em sua trajetória. Toma por base a formação de conhecimento em Artes Cênicas, lendo seus espaços de construção articulados ao contexto acadêmico brasileiro, e depara-se conceitualmente com a crítica ao modelo segmentário e opositor que prevalece nas relações profissionais através da competição entre os seus pares. Diferentemente desse modelo que rege as relações do mercado convencional, alia-se ao conceito de multiplicidade (DELEUZE & GUATARRI, 1996) para fazer a leitura sobre a produção do mercado cultural no que

refere às funções que tangem às Artes Cênicas. Nesse sentido, foi constituinte a investigação dos pesquisadores Gláucio Machado Santos (2011) e Maria Helena Cunha (2007), ingressando na seara de estudos sobre produção e gestão.

A crítica apresentada volta continuamente para a formação em Artes Cênicas, principalmente no que diz respeito ao contexto universitário. Essa escolha aconteceu dada a proximidade, bem como ao entendimento de que o contexto acadêmico é, atualmente no Brasil, o mais forte local de intercâmbio entre os diferentes agentes do campo e as funções por eles desempenhadas.

Essa característica intercambiável salienta as multiplicidades de papéis que são tornados conhecimento, em estudos e mapeamentos cada vez mais caudalosos no campo, bem como através de sua *práxis*. Esse fato acompanha o aumento de especialização e alcance do formação artística, sendo fonte de visibilização e convergência entre os fazeres.

É, no entanto, ainda refém de uma tradição segmentária, que serve à desvalorização de papéis secundários na cadeia produtiva do mercado cultural, bem como na carreira acadêmica, os dois grandes espaços de escoamento da produção artística no Brasil.

No campo científico e filosófico, a ênfase em relações de oposição, estratificação e segmentaridade, pertence a uma linha ontológica da filosofia platonista de divisão entre aparência e essência<sup>1</sup>. O fenômeno de escalonamento e divisão foi multiplicado com o advento da ciência moderna através do método cartesiano. Esse modelo ancora um pensamento do “[...] tipo arborescente” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 35), cuja verticalidade aparente da árvore foi um apoio no pensamento ocidental com ênfase na procura da raiz<sup>2</sup>, do âmago essencial escondido atrás do mundo aparente e atualizado através da ciência moderna, refletindo-se em seu objetivo fundamental: o descobrimento, a inovação e o avanço tecnológico. Aparentemente distantes, os modelos e metodologias científicas estão presentes no cotidiano, refletidos através de espaços de conhecimento que gerem os modos como habitamos, vestimos, falamos, atravessando a construção do comportamento social:

Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõe. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacialmente e socialmente. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 84).

Esse modelo de especialização tem uma predominância unívoca e valoriza a noção de fidelidade funcional, que identifica pouco o modo como as funções ligadas ao campo das Artes Cênicas são exercidas na prática. No processo de profissionalização, poucos são os artistas, pesquisadores, professores ou produtores das Artes Cênicas que sobrevivem apenas de uma dessas funções, e, ainda que se fidelizem, a permeabilidade entre essas especialidades é condição de sobrevivência.

<sup>1</sup> Sobre essa consideração, ver: Nietzsche, Friedrich. 1844-1900. **Genealogia da Moral: uma polêmica**/ Friedrich Nietzsche. Trad. César de Souza. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.

<sup>2</sup> Como exemplo da árvore genealógica que avalia as relações de procedência familiar.

Essa sobrevivência está ligada a uma saturação. Àquele mais especializado, como a exemplo da carreira de docente nas Pós-Graduações, além da pesquisa e docência inerente ao cargo, é exigida a capacidade de gestão e produção de aspectos curriculares, administrativos e financeiros, além de, ao menos, um acompanhamento em processos de criações e obras artísticas. Àquele profissional menos especializado, a formação muitas vezes, acompanha a efemeridade de estar sobrevivendo de uma dessas funções, aprendendo de modo intuitivo os saberes da função exercida. No entanto, como sairmos do problema da sobrevida individual e revertermos o mesmo quadro para valorizar o campo e os fazeres que o alimentam?

A multiplicidade de especializações e formações pelas quais passamos é uma condição e, creio que reverter a sua posição de vilã, pois gera saturação e estafa para os seus profissionais, possa estar no modo como concebemos a construção de mercado para todas as especialidades do campo. Por isso, a necessidade de que o profissional de artes trabalhe e se forme como um mediador, um articulador cultural, a fim de atenuar os desafios integrais dessa profissão, quais sejam,

A dificuldade de conciliar horários e o desafio de levantar subsídios físico-financeiros são parte integrante do labor do artista cênico desde os primórdios do seu ofício. A sua atividade é coletiva e, assim sendo, os problemas advindos dessa qualidade devem ser trazidos como foco num processo de aprendizado. (IBIDEM)

Dessa maneira, o relacionamento coletivo é um motor para a inserção e manutenção desse profissional quando formado, e suas bases conceituais estão mais aliadas a uma formação conectiva do que competitiva entre os seus pares.

Nesse sentido, apresenta-se um fator relevante para a construção da crítica, apropriando-se da coletividade como operação para dar suporte a uma cultura artística que está contextualmente inserida em multiplicidade de fazeres e funções no campo. Acredito que essas características, aproximam-se da leitura sobre o papel do gestor cultural que, segundo Maria Helena Cunha, vem se delineando como função e mercado produtivo desde a década de 80 no Brasil.

Segundo Cunha (2007b), na década de 80 aconteceu o início da profissionalização dos agentes culturais em papéis de gestores<sup>3</sup>, de modo intuitivo e autodidata. Na década de 90, houve um período de transição em que o autodidatismo ainda imperava na formação dos gestores, mas estes começaram a conectarem-se com locais de elaboração conceitual sobre o seu fazer, incluindo-se disciplinas exteriores ao âmbito artístico. Acompanha desse período transitório, uma expansão do mercado cultural no Brasil, devido à redemocratização do Estado e o consequente beneficiamento de produtos culturais como modo de articular, difundir e expressar as mudanças sociopolíticas do período. No terceiro momento, expressão do século XXI, essa profissão começa a ser sistematizada através de cursos técnicos e da inserção mais avançada das graduações e pós-graduações que envolvem os conhecimentos, até então, desenvolvidos espontaneamente pelos gestores culturais.

---

<sup>3</sup> Agentes que ocupam funções na produção de diretrizes e articulação social, política e econômica a certo contexto cultural, no âmbito local, estadual e/ou nacional. (CUNHA, 2007a).

Nesse viés, nota-se que o papel do gestor cultural na sociedade se complexificou e ajudou a criar a necessidade de formação dos diversos cursos de arte e cultura no âmbito acadêmico. Além disso, o trabalho do gestor cultural refletiu na expansão do mercado cultural, efeito relacionado à característica de articulação com diversas instâncias desse mercado. Baseada em relatos desses profissionais, a autora identifica que:

[...] uma das funções do gestor cultural de caráter estratégico, ou seja, exercendo cargos de direção ou estando à frente de instituições públicas ou empresas privadas do setor cultural, coordenando programas e projetos culturais ou mesmo na gestão específica de espaços e grupos artísticos. É possível avançar em outra questão fundamental para o delineamento do perfil profissional, que é a capacidade de desempenhar o elo entre os vários componentes do campo cultural: artista, Poder Público, iniciativa privada e público consumidor. (CUNHA, 2007b)

Se o gestor cultural está em cargos cujo alcance de ação é no nível empresarial e institucional, penso que as inteligências ligadas a essa profissão possam amparar a manutenção do artista no mercado cultural. Ainda que ocupe funções que possuam menor alcance, este profissional, ao ser confrontado com as características elencadas pelos pesquisadores de produção, a coletividade, o hibridismo e a articulação, ganha condições de inventar trabalhos e funções como agente do campo. Por essa via, lê-se o mercado cultural a partir da ótica do agente, a fim de que este se veja pertencente a contextos locais e faça acesso coletivo em redes, seja de mercado monetário, instituições ou de outros modos de intercâmbio.

Se assim proceder, a articulação, a hibridização entre disciplinas e a coletividade devem ser eixos-norteadores na formação do artista, ao integrá-lo como parte da formação de mercado cultural no Brasil, reivindicando posicionamo-nos como agentes de campo. Para tal movimento, acredito que a incorporação de um discurso que abarque a multiplicidade de funções que os agentes percorrem em sua trajetória artística, possa ajudar a valorizar a autonomia dos agentes, ao se posicionarem com mobilidade nos contextos locais em que estão inseridos. Volto essa crítica principalmente às graduações (bacharelados e licenciaturas), pois nelas há um efetivo alcance quantitativo de formação.<sup>4</sup> Nem mesmo a pós-graduação tem condições de oferecer carreira única a todos os seus formando doutores e mestres, pois a oferta de professores sempre será menor do que a dos estudantes.

Sob essa perspectiva, a multiplicidade de funções seria um reconhecimento de que a formação em Artes Cênicas no Brasil possui um caráter aberto em que, mesmo que os agentes não assumam cargos de notoriedade diante de uma comunidade, estarão assumindo e experimentando funções diversas, que compõem o miolo, o interstício entre papel do gestor e do profissional de carreira única. Na trama profissional de mercado cultural, esse tipo de movimento pode ampliar a visibilização dos fazeres pelos quais passamos. Os processos de vizibilização empoderam papéis que são tratados de modo ínfimo, transformando-os em integrantes e co-partícipes que levam o desejo para a criação complexa em todas as funções

<sup>4</sup> Como exemplo podemos tomar as instituições ao nível de Pós-Graduação em Artes Cênicas que fazem parte da ABRACE: (UFMS, UNIRIO, UFBA, UFOP, UFRJ, USP, UFU, UFMG, PUC/SP, UFPA, UDESC, FAP, UFPB, URGs, UFPE, UFCE, UFRN, UNICAMP, UFMA, UnB, UFSR, UFSJ, UFPR, UFF). Ver histórico da associação em <<http://portalabrace.org/1/index.php/associacao>>. Extraído dia 10/10 /2013 às 20:23.

componentes na criação artística e seus efeitos de crítica, aprendizagem e produção.

Ao encontro com esses autores, compreendo a profissionalização como inacabada e processual, e por isso, percebo que a especialização sobre a multiplicidade de funções poderia ser incorporada ao discurso acadêmico e em suas técnicas formativas. Sendo assim, a dificuldade de profissionalização vivida através de uma heterogeneidade de funções pelas quais o artista cênico deve passar em sua carreira seria atenuada quando houvesse uma comunicação entre os fazeres. Por toda via, propor-se assumir o artista como agente cultural do campo, já que a articulação coletiva se coloca como condição de fortalecimento desse quadro profissional no país.

### Referências Bibliográficas:

CUNHA, Maria Helena. **Gestão cultural: profissão em formação**. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2007a.

CUNHA, Maria Helena. Gestão cultural: construindo uma identidade profissional. In: ENCONTRSO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT, 3., 2007, Salvador, BA, **Anais eletrônicos...** Salvador, BA: UFBA 2007b. Acesso em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/MariaHelenaCunha.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2013, às 18:48.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.

SANTOS, Gláucio Machado. Sobre requisitos de formação superior em artes cênicas: o artista como empreendedor. **O Teatro Transcende**. Blumenau, Depto de Artes da FURB, v. 16, n. 2, p. 03-14, 2011.